

*Elogio académico do Doutor Júlio Afrânio Peixoto,
proferido pelo Doutor Fernando Duarte Silva de
Almeida Ribeiro, na cerimónia de doutoramento
honoris causa realizada no dia
29 de Janeiro de 1939*

EXCELENTÍSSIMO REITOR

Em 1897, Júlio Afrânio Peixoto, jovem de 21 anos, descendente de portugueses, comparecia a defender, numa das mais antigas Faculdades de Medicina brasileiras, a sua tese inaugural sobre «Epilepsia e crime».

Nesse tempo, o ilustre Nina Rodrigues, acolhido com apreço e respeito pelos maiores médico-legistas de então, tinha já publicado grande número de valiosos trabalhos de notável originalidade e, vários deles, estreando o estudo de problemas próprios do Brasil, sob os pontos de vista social e jurídico, étnico e etnográfico, psicológico e médico, que lhe haviam de permitir deixar estabelecidas as sólidas bases para uma escola pátria de Medicina Legal, que muito haveria de honrá-lo e aos continuadores, seus discípulos, que, justa e felizmente, ficaram a celebrar-lhe a memória.

Era, pois, já uma consagração o elogio do Mestre baiano, que, um ano mais tarde, apresentando a obra do novo médico numa tiragem à parte, notava «o tom de individualidade que a anima» e notava, ainda, que «o seu assunto outra coisa não é do que uma série de questões largamente controvertidas».

Igualmente, como prefaciante e promotor dessa tiragem, Juliano Moreira, o conceituado alienista, abundava em reconhecer e em regozijar-se com a bizzarria e a aprumada desenvoltura com que o autor «diz o que pensa, mosu"ando que não tem cérebro somente para absorver, mas também para elabora}"}».

Bem cabido acerto era este, referido a quem, como o autor, já numa memória sobre «Epilepsia e Consciência», apresentada pouco antes à Sociedade de Medicina e Cirurgia, atacara de frente e destruíra o dogma da constante inconsciência nas crises epilépticas, com as suas

observações sobre «a persistência das percepções e da consciência» mesmo em casos de grandes

crises convulsivas.

39

40

A forma lisonjeira por que outras competências, como as de Morselli, de Génova, Benedikt, de Viena, Charles Feré, Jules Christian, Charlin, de Paris, Lacassagne, de Lyon, o nosso Bombarda, de entre os médicos, e de Gabriel Tarde, Clovis Bevilacqua, Franco da Rocha, Viveiros de Castro, de entre os juristas, receberam a obra do moço escritor deixava perceber que um novo astro se levantava no firmamento das Ciências Médicas, onde, desde então, e no decurso de mais de 40 anos, vem brilhando cada vez com um fulgor maior.

A este livro, muitas outras publicações se foram sucedendo, sobre psicologia, psicopatologia, higiene, medicina legal, criminologia, sociologia, filosofia, educação, história, no campo científico, sem prejuízo de uma também avultada e escolhida produção no campo propriamente

literário, de romancista, viajante, ensaísta, crítico e poeta.

Hoje, um número superior a treze dezenas de obras, várias delas com muito repetidas edições rapidamente esgotadas, e tendo dado lugar à impressão de um total de cerca de 250.000

volumes, elevam Afrânio Peixoto à posição de escritor o mais editado em língua portuguesa, com certeza de entre os autores de assuntos médicos e científicos, senão talvez, como já foi dito, também entre todos os autores sem especificação de assuntos tratados(I).

E, sempre, na Obra, ficou marcada a forte personalidade do Obreiro, que não só divulga e critica, mas corrige, investiga e cria, num país novo e cheio de estuante vida, ciência e arte vigorosas e orientadas para a consideração do que mais respeita e interessa à sua «Terra» e à sua «Gente».

Preparador de Medicina Legal, em 1900 na Faculdade da Baía, no ano seguinte publica Afrânio Peixoto o «Manual de Tanatoscopia Judiciária» e é nomeado professor substituto de Medicina Pública na Faculdade de Direito.

Mas pouco se demora nesta cidade, porque já do Rio de Janeiro o chama tarefa que mais o solicita.

Continuando a dar à Medicina Pública os seus constantes e preferentes cuidados, que não mais lhe negará, publica em 902 o «Serviço Médico-Legal de autópsias» e, a pedido do Governo,

depois, elabora o «Regulamento para o serviço médico-legal do Distrito Federal!», que um decreto de Junho de 903, aprova e manda observar e é largamente elogiado pelos competentes

e, entre estes, pelo grande mestre baiano, justamente orgulhoso do discípulo.

De inspector sanitário, que pouco tempo foi, passa, também rapidamente, pelo Hospício Nacional de Alienados, primeiro como médico, seguidamente como efémero, mas eficiente director, pois realiza completamente a reforma apenas iniciada por Juliano Moreira, enquanto este melhora de doença grave.

Já em 905, o seu gosto pelas viagens e o desejo de aprender com as sumidades da época fazem-no ir ter a Paris com Roux, a Berlim com St: rassmann, a Viena com Landsteiner, Haberdas e Richter e a visitar, além dos estabelecimentos médico-legais dos respectivos países, aqueles que podiam apresentar. Ir-lhe a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, a Suíça, a Itália, a Espanha, que também percorre, assim como o nosso Portugal. Aqui, no xv Congresso Internacional de Medicina, reunido em Lisboa em 906, apresenta ideias sobre a «Paranóia legítima, sua origem e natureza», que já também defendera, um ano antes, no 2.º Congresso Médico, latino-americano, de Buenos Aires. Nesse debatido e, até então, confuso ponto, Mrânio Peixoto adopta as concepções kraepelinianas, assim como delas fora resolutamente partidário, logo na primeira hora,

no respeitante à Psicose Maníaco-depressiva, que lhe ficara devendo duas importantes publicações

nos «Annales Médico-Psychologiques», de Paris, em 905, monografias que em muita conta foram tidas pelo velho mestre muniquense.

De volta em 906 ao seu País, concorre Mrânio Peixoto, com êxito, à secção de Higiene Pública e Medicina Legal, e, pela primeira vez no Brasil, mostra os cristais de hemocromogéneo,

se ocupa dos soros de Uhlenhut para a identificação das manchas de sangue e se apresenta um verdadeiro apóstolo da fé da dactiloscopia nascente.

Mas o modelar Regulamento Médico-Legal de 903, na verdade, parecia querer esperar pelo seu autor para ser executado. O Governo, disso, encarrega este, bem como de organizar e dirigir um serviço médico-legal, onde ele se mantém até 910, à testa de mais onze médico-legalistas, que ensina e anima, e onde deixa bem patente que, a par do poder de fértil concepção,

possui, no mais alto grau, também, a de realizador pronto e oportuno.

E, se uma já antiga aspiração de Nina Rodrigues - do ensino na perícia - que em Portugal a excelente legislação de 99-900 estabelecera, pela feliz simbiose entre os serviços docentes da

Medicina e a prática forense dos exames, só pode no Brasil ter cabal começo de execução quando, em 912, a consegue Óscar Freire na Baía, isso se deve à supressão, promovida pela administração policial, mal avisada e ciosa das suas prerrogativas, do artigo original que dava aquela possibilidade ao Regulamento Brasileiro.

Os proveitos duma longa e esclarecida experiência, em toda a espécie de perícias realizadas naquele serviço, donde havia de provir o actual Instituto Médico-Legal, logo se revelam nos «Elementos de Medicina Legal», que, saídos em 910, merecem as honras de edições sucessivas em 914, 919, 923, 927 e, engrandecidos e transformados em Tratado de Medicina Legal, têm, no 1.º volume deste (Medicina Forense), mais quatro edições, até à 8.ª, de 938, e, no 11.º volume

(Psicopatologia Forense), atingem a 5.ª edição no mesmo ano.

Enquanto, em 910-911, percorre mais uma vez a Europa Central, a Itália e a Sicília, e vai conhecer a Hungria e a Roménia, a Grécia e os Balcãs, o Egipto e o Próximo Oriente, é Mrânio Peixoto eleito, para a vaga de Euclides da Cunha, pela Academia Brasileira de Letras, a cuja presidência havia de ascender em 923.

41

42

Em 913, a Faculdade de Direito do Rio nomeia-o, com dispensa de provas de concurso

para seu professor de Medicina Pública. É desse ano a I.ª edição dos seus Elementos de Higiene, que atingem a 6.ª em 938, constituindo, em dois volumes (Higiene Geral e Medicina Preventiva), um Tratado de Higiene que, com o Tratado de Medicina Legal já referido, completa um grande Tratado de Medicina Pública.

Mas já seis anos antes da publicação do seu livro, primeiro compêndio didático de Higiene brasileiro, a memória sobre «Climas e doenças do Brasil» revelara, mais uma vez, o patriota que no sábio vivia, e que destruía, com apresentação dos factos mais incontestáveis, das mais lógicas considerações e dos mais sólidos argumentos, a caluniosa lenda da insalubridade do Brasil e do perigo do seu clima. Já então, o autor demonstrava, com efeito, que não há doenças

de latitudes ou climáticas, nem doenças próprias e especiais do Brasil e que as que muitos teimam ainda em mal alcunhar de tropicais existem também, e às vezes mais intensamente, fora

dos trópicos, e, em qualquer parte, podem ser combatidas e vencidas pelo esforço humano, ao serviço da Higiene, como o próprio Brasil bem demonstrou, libertando-se, em menos de três anos, da febre amarela que, havia cinquenta, o flagelava.

Em 915 e 916 perpassa Afrânio Peixoto, com o brilho costumado, pela Direcção da Escola Normal do Distrito Federal e pela Direcção Geral da Instrução. A publicação ulterior de «Minha Terra e Minha Gente», «Sobre Crianças e para Crianças», «Ensinar a Ensinar!», «Educação da Mulher», entre outros valiosos trabalhos, mostra as ideias pedagógicas do grande educador, das

quais muitas foram consagradas nas disposições constitucionais vigentes.

É também em 916 que toma conta da cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e pronuncia o inolvidável e discutido discurso de posse, repassado de cáustica e aliciante ironia, em que celebra a Higiene como a única disciplina dedicada à saúde e à vida, entre tantas outras que só se ocupam da doença, do sofrimento e da morte.

Em 917 e 918, com valiosos colaboradores, promove e realiza um Curso de Medicina Pública, no género dos Cursos pós-universitários, periciais e sanitários, existentes noutros países e

correspondendo ao agrupamento dos nossos de Medicina Sanitária e Superior de Medicina Legal.

No Brasil, como entre nós para o Curso Superior de Medicina Legal, a falta de garantia preferencial, da parte do Governo, para os diplomados explica a perda de frequência do Curso, que, se aqui vai continuando sempre desde 918, lá, nesse ano, se extingue, mas origina depois, em 932, um Curso de Saúde Pública, que, felizmente e sob a direcção de Afrânio Peixoto, até hoje se mantém.

Embora sem apreço especial pela Vida Parlamentar, como mais duma vez causticamente mostra, não recusa a sua cooperação durante seis anos, até 930, quando eleito deputado federal pela Baía. De vários projectos seus, conscienciosamente estudados, a alguns é ligado o interesse que todos mereceriam; e, deles, nascem a lei dita Afrânio Peixoto, de 927, referente aos alienados, e, já em 930, a reforma, pelo Governo Provisório, da Legislação sobre Acidentes de Trabalho. O volume «Marta e Maria» compila os resultados da sua acção parlamentar.

Em 932, toma a efectividade da cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Direito, e «Novos Rumos da Medicina Legal», «Sexologia» e «Criminologia», que já atingem as 3.as edições, mostram como o autor, conservando do passado o que o merece e rejeitando as bafientas velharias inúteis, toma lugar na vanguarda das ciências que professa e cujo campo alarga, produzindo, depressa, aprimoradas obras, pelo excepcional privilégio que só têm os príncipes do Espírito. E, por isso, essa Faculdade regista, nos seus Anais, o apreço que vota aos altíssimos méritos de tão brilhante companheiro! ... O ter sido escolhido, pelos doutorandos de Medicina em 917 e 928, pelos finalistas de Direito em 932, e pelas professoras do Instituto de Educação em 935, como Paraninfo, testemunha bem a alta e carinhosa conta em que Afrânio Peixoto sempre foi tido e é pelas gerações que sobem!

O discurso em que o Paraninfo pede aos novos juristas «Piedade» para o Brasil, para que os milhões de brasileiros sejam poupados pelo despotismo humanitário daqueles que, sem procuração e em homenagem a qualquer idolatria nova, querem, com experiências de importação, exóticas, fazer a felicidade dos Povos, é, para todos os Países, uma lição do mais esclarecido Nacionalismo, em que uma subtil ironia aligeira o peso das pungentes e trágicas verdades!

Por certo, não faltam cientistas capazes de escrever em escorreita linguagem, nem são excepcionais os homens de letras entre os diplomados na Medicina. Mas a regra é que cultores de ciência de real valor não consigam multidão de apreciadores para as criações da sua imaginação literária das horas vagas; e que o renome do romancista ou do poeta consagrado não chegue para encaminhar a atenção dos que os lêem para as suas produções científicas, se

é que estas existem e não são ignoradas, já que, às vezes, muitos desconhecem até a habilitação

médica do autor.

O que é raro e digno de registo é conseguir alguém atingir grandes alturas paralelas nos dois campos e, equilibradamente, fazer aproveitar qualquer deles dos méritos e recursos que no outro sejam seus.

E isso o consegue, sem esforço e naturalmente, Afrânio Peixoto. Os sujeitos humanos dos seus romances são com tal ciência apresentados, agem e reagem de tal forma, no seu modo de ser saudável ou anómalo, que mais parece estarmos em presença de descrições resultantes da observação directa do que de figurações da fantasia do autor. E os assuntos dos seus livros didácticos e científicos são expostos com tal arte, com tão elegante concisão, no completo informe que facultam; as leis, os costumes e as opiniões alheias são totalmente comentadas, tão a propósito aparecendo a palavra de concordância, ou a ironia castigadora; tão bela e bem soante e bem nascida é a linguagem, que agradavelmente serve os conceitos elevados e a erudição vastíssima e inesgotável, que depressa, em cada novo leitor, o autor tem um amigo conquistado e agradecido, não só pelo proveito do que aprende, mas também pelo prazer espiritual que a leitura lhe faculta.

Durante muito tempo, os portugueses estudiosos de Medicina Pública iam procurar, quase sempre, a livros franceses o que não encontravam em livros da sua própria língua. Mas, infelizmente, se aproveitavam da celebrada claridade francesa, frequentemente deparavam com omissões na doutrina e na hermenêutica, mesmo em assuntos sem grande novidade, quanto mais naqueles que marcam os «Novos Rumos». E, se, vencendo, dificuldades de tradução, recorriam, para sanar tais deficiências, às obras de alemães ou italianos, nem sempre conseguiam boa satisfação, confundidos que ficavam na cerração das nebulosidades espessas ou enleados nas prolixas subtilezas das polémicas sem fim!

Mas, hoje, os livros de Afrânio Peixoto têm, na forma e na substância, as vantagens sem os inconvenientes daqueles outros. Isso explica a ascensão, majestosa e rápida, por edições sucessivas, aos 25 milheiros da Medicina Legal, aos 18 milheiros da Higiene, para só falar dos componentes da obra fundamental, do Tratado da Medicina Pública do didacta brasileiro. Há, contudo, mais outro aspecto que merece ser posto em particular relevo, na obra

científica de Afrânio Peixoto: é o da constante devoção de prestar culto à memória do seu Mestre e Amigo e de a ela transferir os louros ganhos pelo Discípulo.

Se é certo que o grande professor baiano, com seus estudos médicos, étnicos, SOCiaiS, religiosos e morais, deixou assentes os sólidos alicerces para a construção duma Medicina Legal Brasília, certo é também que as belas paredes e a arrojada abóbada do edifício se devem, sobretudo, a Afrânio Peixoto. Mas este considera como honra própria que, no pórtico, quem entra leia não o nome seu, mas o do sempre lembrado e saudoso Raimundo Nina Rodrigues!

Quem, com tanta gentileza de alma, quer e sabe manifestar a gratidão filial que dedica ao seu antepassado espiritual mais próximo e mais ilustre não admira que apareça, por sua vez, como modelo e exemplo a seguir, àqueles que um dia tiveram a felicidade de ser discípulos seus e de lhe apreciar, a par dos primores do ensino, os do trato afabilíssimo.

E, por isso, na esplendorosa época de progresso que atravessa, hoje, o viçoso Brasil de sempre, Afrânio Peixoto, Mestre de Mestres, é o chefe, incontestado e querido, de uma plêiade brilhante de eminentes cientistas, cujos louvores, afectuosos e merecidos, se fizeram ouvir, eloquentemente, no recente jubileu dos 30 anos de magistério superior de um dos maiores médico legistas de todos os tempos e de todos os países!

Sem deixar de aproveitar as ocasiões de continuar visitando os países estrangeiros, das Américas e da Velha Europa, Afrânio Peixoto, com mais frequência e carinho, procura o nosso Portugal, que ele, como seu também, ama e contempla, nas glórias do passado, nas realidades do presente, nas largas esperanças do futuro!

Aqui, em 935, no mesmo ano em que assume no Brasil a Reitoria da Universidade Federal, inaugura o Instituto Luso Brasileiro de Alta Cultura; aqui, recebe do nosso Governo e da nossa Gente, da nossa Academia das Ciências e das nossas Corporações científicas, dos Mestres e dos Estudantes das nossas Escolas o sincero testemunho de quanto, em Portugal, todos o admiramos e lhe queremos.

Na altura da comemoração do 4.º centenário da definitiva fixação, em Coimbra, da Universidade, pelo colonizador do Brasil, quando a nossa Faculdade de Letras acolheu Afrânio Peixoto entre os seus Doutores, muitos meses havia já que, por proposta minha e aclamação de todos, a Faculdade de Medicina aprovara o voto de o contarmos entre os nossos. Só o

propósito de tornar mais expressiva a cerimónia e em termos de ela poder ser compreendida como tendo a intenção de testemunhar o mais singular apreço fez adiar, até agora, a recepção do ilustre brasileiro ali presente.

Quanto a «ditosa Pátria» de «tal Filho» sente a ventura de o ter, bem poderá dizê-lo a presença, agora, nesta Sala, do excelso Representante do Brasil, de Sua Excelência o Embaixador Senhor Doutor Artur Guimarães de Araújo Jorge.

É Sua Excelência jurista e psicólogo insigne, autor consagrado de trabalhos sobre filosofia, história, diplomática e crítica, escritor de equilibrado e castigado estilo, homem de Ciência também devotado à Arte; as férias que lhe dão as preocupações de, para proveito do seu País e dos Povos, procurar a harmonia entre as Nações, Sua Excelência as utiliza para deleite do seu espírito, procurando as harmonias da mais escolhida Música, de que é um cultor excepcionalmente entendido. Brasileiro ilustre, sábio e artista como é, não podia, o Excelentíssimo Embaixador deixar de ser seduzido pela forma elegante e completa como, no seu Compatriota, se combinam e harmonizam os méritos do cientista e os do letrado e como, quer numa quer na outra qualidade, sempre ele deixa transparecer os sentimentos dum esclarecido patriotismo do mais acrisolado quilate.

Nesta Sala Grande, em cujas paredes as figuras de numerosos Reis evocam as glórias do passado duma Nacionalidade que oito séculos de vida não cansaram e que a vontade de Deus e a dos homens hão-de fazer eterna; quando, com a fraterna assistência de Professores e Estudantes brasileiros tão distintos, a Faculdade de Medicina daquela que já foi a primeira e a única Universidade do Brasil se prepara para acolher entre os seus Doutores um brasileiro eminente que, sabendo sê-lo da mais digna forma, consegue sentir em si e que enternecidamente

os portugueses nele sintam um português de coração; nestas circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoas, era, em verdade, o Excelentíssimo Embaixador do amado Brasil, na «Pátria da sua Pátria», o Padrinho merecido pelo nosso doutorando!

Com efeito, o nobre diplomata, símbolo do seu grande País, conhece bem e sabe apreciar o homem raro que a sua companhia aqui também nos recomenda e cujo nome, de há muito, conquistou o direito de ficar tendo um lugar destacante e imperecível na história das Letras portuguesas e da Ciência mundial!

Este é o Mestre de quem ontem, aqui mesmo, escutámos uma memorável Lição, é Júlio Mrânio Peixoto, para quem tenho a honra, Senhor Reitor, de solicitar a Vossa Excelência a concessão do grau de Doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra!

Coimbra